

# O CINEMA, O LÚDICO E A CULTURA POPULAR: UM EXPERIMENTO COM O FILME “FOR ALL, O TRAMPOLIM DA VITÓRIA”.<sup>1</sup>

Douglas de França Moreira de SOUSA<sup>2</sup>

Edison Roberto SILVA<sup>3</sup>

Maria do Carmo Amaral PEREIRA<sup>4</sup>

## RESUMO

O presente artigo aborda como o cinema no ensino de História leva à discussão elementos da cultura popular como: a música, a dança, o simbolismo e à alimentação presentes nas festas juninas. O texto expõe um relato de experiência dos alunos bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID do Curso de História do Centro de Ensino Superior de Arcoverde – CESA na escola campo CEJA – Cícero Franklin Cordeiro no Ensino de Jovens e Adultos – EJA em Arcoverde – PE. Este artigo analisa como é possível através do uso da linguagem do cinema discutir e resgatar significados de aspectos que passam despercebidos nas festas juninas atuais, contextualizando-os historicamente e culturalmente e demonstra como a busca etimológica do termo forró, por meio de estrangeirismos presentes no filme “*For all, o trampolim da vitória*” e o ensino lúdico enriquecem o debate sobre cultura popular. A escrita está fundamentada em análise bibliográfica de estudiosos da temática e tem como foco a aplicação do filme “*For all, o trampolim da vitória*”, de Buzza Ferraz e Luiz Carlos Lacerda, que faz referências à curiosa etimologia de algumas palavras, com base em empréstimos linguísticos observados em diálogos, tais como o forró que seria uma distorção de “*for all*”, “*para todos*”. Compreendeu-se que o uso da linguagem cinematográfica no ensino de História possibilita o diálogo e a recuperação de sentidos atribuídos a expressões não percebidas ou ignoradas em festas juninas da atualidade, contextualizando-as historicamente e culturalmente.

**Palavras-chave:** Cinema; Estrangeirismo; Cultura Popular; Ensino de História.

## ABSTRACT

This article discusses how film in history teaching leads to discussion elements of popular culture such as music, dance, symbolism and power present in the June festivals. The text exposes an experience report of scholarship students of the Institutional Program Introduction to Teaching Exchange - PIBID Course of History of the Center for Higher Arcoverde Education - CESA in CEJA field school - Cicero Franklin Lamb in Youth and Adult Education - EJA in Arcoverde - PE. This article looks at how it is possible through the use of film language to discuss and rescue meanings of aspects that go unnoticed in the current state fairs, contextualizing them historically and culturally and demonstrates how the etymological search term forró through loanwords present in the film "for all, the stepping stone of victory"

<sup>1</sup> Artigo resultante de pesquisa, em Subprojeto do PIBID do Curso de Licenciatura em História do Centro de Ensino Superior de Arcoverde – CESA, apresentado no Simpósio Temático Ensino de História e PIBID: Relatos de experiência e construção do conhecimento e ensino de história no XVII Encontro Estadual de História, evento da Associação Nacional de História - ANPUH – PB/ I encontro estadual do PIBID em história, nos dias 18 a 22 de julho de 2016, no município de Guarabira, Paraíba.

<sup>2</sup> Aluno de Licenciatura em História do CESA. Bolsista do PIBID do Subprojeto de História do CESA. Contato: douglasmoreira93@gmail.com.

<sup>3</sup> Professora e Coordenadora do Curso de Licenciatura em História e do Subprojeto do PIBID do Curso de História do CESA. Orientadora do artigo. Contato: carmo4a@hotmail.com.

<sup>4</sup> Professor Supervisor do Subprojeto do PIBID do Curso de Licenciatura em História do CESA na Escola Campo Centro de Ensino de Jovens e Adultos – CEJA Cícero Franklin Cordeiro. Co-orientador e Co-autor do artigo. Contato: edisonsertania@yahoo.com.br.

and the playful teaching enrich the debate on popular culture. The writing is based on a literature review of the thematic experts and focuses on the application of the movie "For all, the stepping stone of victory" of Buzza Ferraz and Luiz Carlos Lacerda, which makes reference to the curious etymology of some words based on loanwords seen in dialogues, such as forró it would be a distortion of "for all", "for all". It was understood that the use of film language in the teaching of history enables dialogue and recovery meanings attributed to expressions unnoticed or ignored in state fairs today, contextualizing them historically and culturally.

**Keywords:** Cinema; foreignness; Popular culture; History teaching.

## INTRODUÇÃO

O filme, além de divertir, entreter e comover o público, é uma importante ferramenta pedagógica no ensino de História. Sua exibição em salas de aula facilita o processo de ensino-aprendizagem possibilitando a discussão de temas históricos, sociais, políticos, econômicos e, sobretudo, culturais.

Com base neste último aspecto, este artigo expõe a abordagem da cultura popular através da aplicação do filme "*For all, o trampolim da vitória*", 1997, de Buzza Ferraz e Luiz Carlos Lacerda, da análise de músicas de Luiz Gonzaga e da simbologia dos festejos juninos em ação de Cineclube. Esta intervenção realizou-se na escola campo CEJA – Cícero Franklin Cordeiro, localizada em Arcoverde, Sertão pernambucano, em turmas de III e IV Fases do ensino fundamental e I módulo do Ensino Médio do Ensino de Jovens e Adultos – EJA, como proposta do PIBID de História do Centro de Ensino Superior de Arcoverde – CESA, sediado na mesma cidade.

Como o Cineceja<sup>5</sup> ocorreria em junho, mês das comemorações das festas juninas no Sertão do nordeste brasileiro, os bolsistas do PIBID História resolveram trabalhar esta temática por se tratar de um conteúdo próximo a realidade dos alunos. Seu desenvolvimento contempla o ensino dos significados e aspectos culturais presentes nessa comemoração como: as músicas, danças, mitologias e alimentação. O ensino lúdico dos conteúdos por meio de experiências práticas foi um dos meios encontrados para explorar o imaginário nordestino como as simpatias, crenças, e símbolos que caracterizam esses festejos tradicionais. O objetivo era levar aos alunos da escola campo o conhecimento a respeito da história e sentido das expressões juninas como os personagens, lendas, mitos e rituais.

Como chamariz às discussões utilizou-se o filme "*For all, o trampolim da vitória*", 1997, de Buzza Ferraz e Luiz Carlos Lacerda que através de estrangeirismos e empréstimos linguísticos brinca com a etimologia de algumas palavras presentes em diálogos do mesmo como o Forró, que seria uma distorção de "*For all*", "*para todos*".

Este estudo analisa como o uso da linguagem cinematográfica no ensino de História possibilita o diálogo e a recuperação de sentidos atribuídos a expressões não percebidas ou ignoradas em festas juninas da atualidade, contextualizando-as historicamente e culturalmente e evidencia ainda como a busca etimológica da palavra forró através de estrangeirismos e empréstimos linguísticos presentes em diálogos no filme "*For all, o trampolim da vitória*" e o ensino lúdico da temática contribui no cineclube para o encantamento e participação efetiva dos alunos da escola campo nos debates sobre cultura popular nordestina.

O cinema utilizado como provocação evoca essa curiosidade. O filme "*For all, o trampolim da vitória*" por meio de seus diálogos possibilita este estudo, pois demonstra

---

<sup>5</sup> A ação de cineclube do CEJA (Escola Estadual Cícero Franklin Cordeiro) foi nomeada de CINECEJA com o objetivo de ser referência das ações do PIBID-CESA Subprojeto de História na escola campo.

através de estrangeirismos e empréstimos linguísticos uma das possíveis origens do vocábulo em questão. Após essa etapa de construção em torno do Forró é o momento de colocá-lo em reconstrução. É preciso diferenciá-lo de outras danças e ritmos característicos do nordeste como o xaxado, xote e baião. Esse procedimento favorece o alargamento do campo de saberes culturais.

A escrita deste artigo está fundamentada teoricamente em estudiosos da temática e em relato de experiência sobre aplicação do Cineceja com o filme “*For all, o trampolim da vitória*”, onde se discutiu a cultura popular nas festas de São João a partir do questionamento sobre a origem da palavra que nomeia um dos ritmos mais importantes do Nordeste. Para melhor entendimento, encontra-se dividido em seções que fazem uma breve análise dos conteúdos ministrados e sua aplicação. A primeira seção discorre sobre o uso da linguagem cinematográfica no ensino de História, o filme utilizado na intervenção e o processo de estrangeirismo e empréstimo linguístico. A segunda, além de conceituar cultura e cultura popular, fala sobre a festa junina como parte da cultura popular nordestina e como encontra-se na atualidade. Na terceira, há um breve diálogo sobre os rituais das simpatias juninas e seu uso pedagógico através do ensino lúdico em ação de cineclube. A quarta e última é um relato de experiência de aluno bolsista do Pibid História do CESA sobre os procedimentos para realização da intervenção pedagógica em ação de cineclube na Escola Cícero Franklin Cordeiro – CEJA em turmas do Ensino de Jovens e Adultos.

## **CONSIDERAÇÕES SOBRE O USO DA LINGUAGEM CINEMATOGRÁFICA NO ENSINO DE HISTÓRIA, O FILME FOR ALL E O PROCESSO DO ESTRANGEIRISMO**

A disciplina de História vista por muitos como enfadonha, decorativa e inerte ganhou nas últimas décadas parceiros importantíssimos no processo de ensino-aprendizagem, como o uso das linguagens literárias, musicais e cinematográficas. Oriundo das transformações tecnológicas e do movimento da Escola dos Annales o uso do Cinema ganhou espaço nas salas de aula como uma importante ferramenta pedagógica que contribui “na formação histórica, com a finalidade de integrar, orientar e estimular a capacidade de análise dos estudantes.” (NÓVOA, 1995, s.p.). Contudo, seu uso não se restringe apenas a filmes e conteúdos ditos históricos, pois o cinema envolve “um caráter difusor e mediador de ideias, visões, realidades, sociedade, cultura e ficção.” (AQUINO, 2000, s.p.).

Através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID do curso de História do CESA em ação de cineclube, que como já dito é espaço de incentivo à cultura na escola campo e de acordo com a proposta de discussão dos festejos juninos os alunos bolsistas escolheram o filme “*For all, o trampolim da vitória*”, 1997, Buzza Ferraz Luiz Carlos Lacerda como instrumento de evocação à temática.

Numa perspectiva geral, a película retrata o choque de culturas ocorrido com a chegada dos americanos à Natal, com seus hábitos e costumes mais liberais, musicais e cinematográficos, que contrastava profundamente com a vida dos moradores locais. Sobre isso:

Não é difícil imaginar que a influência da cultura americanóide pôde fazer com os tupiniquins daquele esquecido canto do planeta nos anos 40. Uma Revolução. De costumes, moral, ética. Tudo com muito humor. Os americanos caem de pára-quadras naquele ponto cego do mapa, mas têm que se adaptar. E se adaptaram. (HIDALGO, 1997, s.p.)

É perceptível como houve um processo de aculturação, ou seja, mudança nos hábitos e costumes dos moradores com a chegada dos soldados. Visão diferente tem a Folha de SP

(2001) afirma que “Em vez de um choque cultural, houve uma integração. Pessoas enriqueceram, o comércio tinha grande movimentação e a vida cultural era efervescente”.

A obra é construída em tom irônico e evidencia os estereótipos referentes aos brasileiros e a síndrome do colonizado. Hidalgo (1997) afirma ainda que “Os habitantes tentam falar inglês e só fazem conta em dólar. Os americanos aprendem português, compram papagaios e frequentam zonas atrás de prostitutas (...)”.

O leitor atento fará a seguinte indagação: Que relação há entre soldados estadunidenses que estiveram no Brasil durante a Segunda Grande Guerra, os romances e dramas de dois adolescentes e um faxineiro fã de uma atriz hollywoodiana com as tradicionais festas nordestinas de junho?

A resposta a este questionamento está no título e nos diálogos do filme, sobretudo, em cena onde o Sargento Donovan convida Sandoval a participar de uma festa “*for all*”, “*para todos*”, e na cena seguinte um garoto que está no bar diz que haverá uma festa “*forró, quem quiser vai*”. Segundo a Folha de SP (2001), “(...) no sábado, os bailes eram só para americanos, no domingo era “*for all*”. Reza a lenda que assim surgiu o nome de um dos mais famosos ritmos do país, o *forró*”. O filme traz em seus diálogos brincadeiras com a etimologia, que é o estudo da origem das palavras, de alguns vocábulos comuns no cotidiano nacional que vieram de estrangeirismos e empréstimos linguísticos.

O empréstimo se caracteriza pelo uso de algo que pertence a outro. No caso da linguística, refere-se à aquisição de palavras que inexitem ou que não foi possível adaptá-las ao idioma nacional. Esse neologismo, ou seja, processo de criação de novas palavras para definir novos objetos ou conceitos é nomeado de estrangeirismo que é “o emprego, na língua de uma comunidade, de elementos oriundos de outras línguas. No caso brasileiro, o posto simplesmente seria, o uso de palavras expressões estrangeiras no português” (GARCEZ, 2004; ZILLES, 2004 *apud* GOIS, P.3). Nesta perspectiva, *forró* seria oriundo de um estrangeirismo, uma palavra que sofreu uma distorção e por aglutinação das palavras inglesas “*for all*” nominou um dos mais famosos ritmos da região nordeste.

Contudo, esta é apenas uma das origens do vocábulo, há ainda outras duas teorias a esse respeito. Uma assemelha-se a versão anterior, entretanto teria acontecido na segunda metade do século XIX com a construção das estradas de ferro em Pernambuco pelos ingleses que ofereciam festas “*for all*”. A outra é uma derivação do termo de ascendência africana *forrobodó*. Considerada “mais antiga, significando algazarra, festa para a ralé, arrasta-pé e representando, segundo Aurélio Buarque de Holanda, a contração de *forrobodó*, que é a mais aceita” (ROCHA *apud* COSTA; SILVA; RODRIGUES, 2013, P. 6-7). Há, ao menos, três teorias sobre a origem da palavra.

Segundo Cardilo (2012, p. 5), “percebe-se que a palavra “*forró*” ainda não possui um significado bem definido”. Com base nisso, o Cineceja apresentou as três versões. Entretanto, a primeira obteve maior destaque, uma vez que se relacionava ao filme em questão e com os objetivos da intervenção. Que é a partir dessa polêmica discutir a cultura popular nordestina abarcada nas festividades de São João e representada em músicas de Luiz Gonzaga apresentadas durante a realização da ação pedagógica.

## **CULTURA, CULTURA POPULAR E FESTAS JUNINAS.**

Ao falar de cultura é preciso compreendê-la como algo sem uma definição única, repleta de sentidos aplicáveis em situações históricas, sociais, políticas e econômicas distintas. Segundo o Glossário de Cultura (2007, p. 7), “cultura é diferente de lugar para lugar, de época para época, de povo para povo”. Sobre essa diversidade de significados:

Há mais de quarenta anos, dois estudiosos americanos começaram a mapear as variações do emprego do termo em inglês, e reuniram mais de duzentas definições concorrentes. Levando-se em conta outras línguas e as últimas quatro décadas seria fácil reunir muito mais. (BURKE, 2000, p. 13).

Considerando essa multiplicidade de significados e aplicações ao longo da História, surgiram alguns problemas de interpretação, como a generalização das culturas regionais, atitude que não respeita as especificidades dos grupos que a compõem. A solução ao impasse seria uma divisão classificatória, onde surge “a cultura erudita e a cultura popular como “subculturas”, parcial embora não inteiramente separadas ou autônomas”. (BURKE, 2005, p. 38). Essa cisão não pode ser rígida, uma vez que há trocas culturais entre ambas, mas diferenciam-se nas formas de produção e transmissão. A popular, por exemplo, é:

Conhecida como aquela cultura anônima produzida pelas “pessoas comuns”. Diferentemente da cultura erudita, que é transmitida pela leitura e escrita ou por instituições oficiais, a cultura popular é geralmente transmitida pelos costumes e pela oralidade. (GLOSSÁRIO DE CULTURA, 2007, p. 31).

Mesmo compreendida como uma manifestação associada ao anonimato, ao coletivo, ao espontâneo, a tradição e a oralidade, é complexo estabelecer seus limites, uma vez que está relacionada ao povo. Mas “Quem é o “povo”? Todos, ou apenas quem não é da elite?”. (BURKE, 2005, p. 40). Essa definição diverge de acordo com concepções ideológicas, políticas, sociais e econômicas. Contudo, o sentido mais aceito refere-se ao popular sem a inclusão da classe dominante, pois “quando pensamos no povo brasileiro, não podemos incluir a elite. Nesse caso, o povo diz respeito à camada mais pobre da sociedade brasileira, aqueles que estão em oposição à classe dominante, aos que estão no poder”. (ASSIS; NEPOMUCENO, 2007, P. 2). Para Chauí (2008, p. 59) a cultura popular seria formada “pelas classes populares e, em particular, pela classe trabalhadora, (...) dependendo das condições históricas e das formas de organização populares”.

Surgida na Europa como tradição pagã, que celebrava as divindades protetoras das colheitas e da fertilidade, e posteriormente incorporadas ao calendário cristão-católico, as festividades do mês de junho ganharam destaque no Nordeste do Brasil. É considerada “uma herança portuguesa, embora estejam presentes também costumes franceses (claramente notados em passos realizados pelas quadrilhas)” (PAZOS, 2009, p. 2). Ao serem integradas ao calendário católico, essas comemorações ganharam representações em santos, causando um sincretismo entre rituais pagãos e cristãos. Dessa forma:

A Igreja Católica situou a festa de São João nas proximidades da mudança de estação (...) procurando absorver os cultos agrários pagãos. Para a hierarquia a festa de São João constitui uma antecipação do anúncio do advento, considerando o papel de João batista, como precursor de Cristo. (BENAJAMIM apud LUCENA FILHO, 2004, P. 04).

Com a influência da religião católica, essas festas ganharam representações em Santo Antônio, São João e São Pedro. Segundo Rangel (2008, p. 34) “São João ocupa papel de destaque nas festas, pois, dentre os santos de junho, foi ele que deu ao mês o seu nome (mês de São João) e é em sua homenagem que chamam “joaninas” as festas (...)”. No Nordeste, junho é o mês da colheita de milho, então era prática comum fazer festas e celebrações a São João em agradecimento pela fartura, pois havia “crença no santo que concebe a purificação da vegetação e das estações”. (SOUZA, [201?], p. 3).

A festa junina é rica em símbolos, como a fogueira, o balão, as comidas típicas, entre outros. Cada um possui significados adquiridos ao longo da história. A fogueira, por exemplo,

pode ser considerada como um resquício dos cultos pagãos europeus, onde pessoas reuniam-se em volta dela “para celebrar a chegada do verão (solstício) (...)”. (LUCENA FILHO, 2004, p. 6). A versão cristã, para a existência da fogueira diz que: “Acende-se uma fogueira à porta de cada casa para lembrar que Santa Isabel acendeu para avisar Nossa Senhora do nascimento de seu filho”. (RANGEL, 2008, p. 34). Relacionado à fogueira estava o hábito de “(...) soltar balões para levar recados aos santos. Era bom fazer o pedido quando este estava subindo. Se pegasse fogo, significava que o pedido não seria atendido”. (VOGEL, 2012, p. 5). Atualmente, essa prática está proibida a fim de evitar incêndios florestais. No que se refere às comidas típicas, o milho assume o protagonismo, pois junho é o mês em que se colhe este grão. Seus derivados como bolo, canjica, pamonha etc. são levados às festas para comemorar e agradecer a boa colheita, assumindo assim os “sentidos primordiais das festas juninas: fertilidade, fé, abundância e coletividade”. (MENEZES NETO apud PINHO; MARINHO; NASCIMENTO, 2014, p.7).

O ritmo musical mais importante da região e encarregado de deixar qualquer ambiente “arretado de bom”<sup>6</sup> é o forró. Compreende-se que:

O Forró é a festa onde se toca gêneros musicais nordestinos, tais como o baião, o xote, o xaxado, o côco e a quadrilha, e se dança o baião, o xote, o xaxado, o côco e a quadrilha. Porém, é importante atentarmos que, popularmente, o termo forró é usado para designar tanto as “danças nordestinas” quando as “músicas nordestinas”, por isso é comum às expressões “*vamos dançar um forró*” ou “*Vamos tocar um forró*”. Note-se, ainda que estas expressões não distinguem os vários gêneros musicais e os vários ritmos de dança que compõe o fenômeno. (grifo dos autores). (QUADROS JÚNIOR; VOLP apud COSTA; SILVA; RODRIGUES, 2013, p. 7).

Ainda que considerado sinônimo da maioria dos ritmos nordestinos, há no forró algumas peculiaridades, como: “Os instrumentos básicos utilizados pelos trios ou cantores (as), desde sempre, são a sanfona, a zabumba e o triângulo. Eles cantam letras musicais que, em sua maioria, caracterizam o ambiente rural do homem sertanejo”. (SILVA apud CARDILO, 2012, p. 6). Importante figura do cenário nordestino, *Luiz Gonzaga*, se encaixa nessas características, além de abordar em suas canções a imagem do sertanejo nordestino que sofre com a seca, fala sobre a fé e a esperança do homem em dias melhores. Isso se deve a influência “(...) religiosa que o acompanhou durante sua vida e serviu de inspiração para composição de suas músicas, inclusive as de conteúdo junino, pois, as comemorações juninas invariavelmente reúnem elementos de fé e festividade”. (PINHO; MARINHO; NASCIMENTO, 2014, p. 2.).

O São João dos dias atuais está mais voltado ao mundo dos negócios, do marketing e do lucro. O poder público, enquanto organizador das festas, e as grandes empresas exploram a cultura popular junina para obter montantes de dinheiro, e para isso atribuem novos significados a ela, o que distorce seus verdadeiros sentidos. Nessa perspectiva o

(...) processo de (re) criação e (re) invenção da festa, os rituais, que inicialmente possuíam um caráter quase espontâneo dos valores e das tradições populares dos diversos grupos sociais, vêm sendo apropriados pelos administradores públicos e empresariais, transformando-se em megaeventos, cujo caráter de empreendimento econômico e comercial tornou-se muito acentuado. (BEZERRA apud BARROSO, 2012, p. 4).

---

<sup>6</sup>A expressão “Arretado de bom” deve ser compreendida aqui como algo divertido, legal e animado.

Contudo, essa exploração ainda não é capaz de apagar as marcas culturais das festas juninas. Logo, “A presença e incorporação de bens modernos na festa (...) não elimina a cultura popular, mas provoca mudanças que se inserem no mercado de consumo da sociedade midiática e do turismo cultural com formação híbrida” (LUCENA FILHO, 2004, p. 12.). Essa mudança é necessária para persistência de uma cultura. Segundo Peter Burke (2005, p. 40), “(...) o legado muda – na verdade deve mudar – no decorrer de sua transmissão para uma nova geração”. Evidente que as culturas mudam, pois é preciso adaptá-las ao presente, contudo, deve-se guardar sua essência e conhecer as características fundamentais a sua existência. Por isso é importante resgatar os significados que estão despercebidos ou ignorados nas grandes festas populares atuais.

## AS SIMPATIAS JUNINAS E O ENSINO LÚDICO

Parte integrante da tradição popular junina, as simpatias buscam a realização de pedidos feitos aos santos homenageados em junho. As preces, geralmente direcionadas a Santo Antônio, solicitam compromissos como namoro ou casamento, daí ele ser conhecido como casamenteiro. As súplicas são feitas principalmente por moças solteiras que “(...) fazem simpatias e promessas. Também colocam o “santo de castigo”, virando sua imagem de cabeça para baixo ou tirando o menino Jesus do seu colo, até que arranjem um namorado ou um casamento”. (VOGUEL, 2012, p. 2-3). As apressadas buscam, no dia do santo, pistas sobre o nome do pretendente e recorrem a adivinhações como “(...) deixar cair os pingos de uma vela ainda não usada, numa bacia, também nunca usada, cheia de água, esperando que se formasse o nome ou a primeira letra do nome do pretendido”. (SILVA, [200?] s. p.).

Essas práticas evidenciam as crenças religiosas e simbólicas existentes nas festas juninas, onde “existe uma miríade de lendas, superstições, misticismo e simpatias, que se mesclam com práticas ligadas ao sagrado, ao profano e ao mítico, em uma atmosfera sincrética (...)”. (CASTRO, 2012, p. 118). As lendas e mitos referentes aos fenômenos sobrenaturais que acontecem nos dias de Santo Antônio, João e Pedro despertam a curiosidade das pessoas, quer acreditem ou não em tais ocorrências. Esse fato leva alguns a reproduzirem as simpatias, seja para pedir ou, apenas para “testar” o santo. Contudo, essa desconfiança pode ser utilizada pedagogicamente.

Por meio do ensino lúdico é possível o uso pedagógico das simpatias juninas em sala de aula, pois propicia o aprendizado pela brincadeira e divertimento, distante das formas tradicionais de ensino. Faz com que o aluno “(...) aprenda com prazer, alegria e entretenimento, sendo relevante ressaltar que a educação lúdica está distante da concepção ingênua de passatempo, brincadeira vulgar, diversão”. (SANTOS, 2010, p. 7).

O espaço físico também deve ser favorável ao aprendizado, é necessário inserir elementos que remetam ao assunto em questão. Por exemplo, uma decoração que lembre salas de cinema e ao mesmo tempo as festas juninas. Então,

É necessário criar um ambiente rico em aprendizagens. Proporcionando um espaço lúdico na sala de aula, o professor estará contribuindo com as crianças para a construção do conhecimento, o desenvolvimento da autonomia, na aquisição de autoconfiança, bem como na formação de suas personalidades. (TUBINO, 2010, p. 15).

Segundo Vieira (2015, p. 2) o riso provoca um “(...) aumento considerável na produção devido ao bem-estar físico e emocional (...), provocado pela elevação da dosagem de endorfina no organismo (...)”.

Após alcançar o fascínio e o bem estar físico e emocional é momento de fazer uma interligação com o conteúdo, ou seja, usar da ludicidade para o estudo, pois a mesma “(...) não

pode ser vista apenas como diversão. O desenvolvimento do aspecto lúdico facilita a aprendizagem, o desenvolvimento pessoal, social e cultural”. (SANTOS apud CARVALHO, 2014, p. 2). Essa didática facilita o ensino da religiosidade sincrética presente nas festas juninas.

## **UM RELATO DE EXPERIÊNCIA A PARTIR DA TEMÁTICA DAS FESTAS JUNINAS E DA CULTURA POPULAR NORDESTINA COM A PROJEÇÃO DO FILME “FOR ALL, O TRAMPOLIM DA VITÓRIA” NA ESCOLA ESTADUAL CÍCERO FRANKLIN CORDEIRO – CEJA**

Para realizar a intervenção pedagógica em ação de cineclube na escola campo CEJA – Cícero Franklin Cordeiro no Ensino de Jovens e Adultos – EJA, os bolsistas do PIBID de História cumpriram todos os procedimentos necessários para o desenvolvimento das propostas, como reunião de planejamento, leitura de materiais didáticos, produção de materiais pedagógicos, edições de vídeos e reuniões de avaliação. Esses passos fundamentaram a experiência relatada neste artigo.

O cineclube na escola campo tem o objetivo de promover e discutir cultura. Como esta intervenção aconteceria em junho, mês onde a Região Nordeste comemora os festejos juninos, os bolsistas optaram por discutir a cultura popular contida nessas comemorações. Esta escolha teve como alvo o diálogo sobre os sentidos e significados de símbolos juninos que atualmente passam despercebidos em meio à massificação das festas do São João. Em reunião de planejamento os bolsistas debateram a temática e delimitaram os conteúdos que deveriam ou não estar presentes na intervenção como as músicas, as danças, os símbolos e a alimentação, elementos referentes ao período comemorativo e escolheram o filme que seria utilizado na intervenção, no caso, o *“For all, o trampolim da vitória”*, de Buzza Ferraz e Luiz Carlos Lacerda, que aborda por meio de seus diálogos o surgimento de algumas palavras distorcidas do inglês por meio de estrangeirismos, entre elas o Forró.

Para receber o público o auditório da escola foi ornamentado para lembrar salas de cinema e reservou um espaço para exposição de materiais que representam a cultura junina. O cineclube aconteceu em 08/06/2015 no auditório da escola Cícero Franklin Cordeiro – CEJA, localizada em Arcoverde Sertão de Pernambuco. O público formado por turmas de III e IV Fases do ensino fundamental e I módulo do ensino médio do Ensino de Jovens e Adultos – EJA. O evento teve duração de duas aulas (100 minutos). Antes da exibição do filme os alunos bolsistas realizaram exposições para explicar a gênese da festa junina como uma tradição pagã que foi incorporada ao calendário cristão-católico e que neste processo houve um sincretismo entre ritos pagãos e cristãos. Chegou ao Brasil por meio dos portugueses e se desenvolveu na Região Nordeste onde angariou novos elementos advindos de outras culturas como a quadrilha francesa e a alimentação indígena.

Como preparação e provocação para exposição do filme, os bolsistas falaram a cerca da origem da palavra forró. Que teria surgido através de estrangeirismo e empréstimos linguísticos adquiridos com a passagem de soldados americanos pelo Rio Grande do Norte durante a Segunda Guerra Mundial, que aos sábados realizavam festas privadas e aos domingos eram *“For All”*, *“para todos”*. A distorção desses termos teria nomeado o ritmo musical.

Após a exibição do filme houve debate e apresentação de outras versões sobre o surgimento do vocábulo em questão. Mediante problematização sobre o que caracteriza o Forró, os bolsistas apontaram as principais diferenças entre este ritmo os demais como o xote, xaxado e baião, todos eles típicos do nordeste. Essa distinção levou ao conhecimento dos alunos os contextos históricos e culturais característicos dos ritmos e danças praticados até hoje.

As crenças religiosas e simbólicas foram apresentadas de forma lúdica com a realização de algumas simpatias típicas deste período do ano, onde se realizam rituais a fim de obter desejos, principalmente amorosos, como namoro ou casamento. Os bolsistas convidaram alunos da escola campo para reproduzir algumas simpatias como forma de envolvê-los nas discussões. Durante o desenvolvimento das experiências um elemento característico era mencionado e sua significação era explicitada. Assim cada item foi contextualizado de maneira dinâmica e atrativa. Através dessas brincadeiras houve troca de conhecimentos sobre as crendices e lendas a cerca dos três santos católicos S. Antônio, S. João e S. Pedro, os símbolos comuns nas festas como o balão, a fogueira. Todos esses elementos representativos foram expostos no auditório para provocar a curiosidade dos alunos e os levasse a participar das atividades propostas pelos pibidianos.

Ao final o público participou de uma exposição sobre a presença da comida de milho na festa popular de junho, os ingredientes mais utilizados no período, a procedência dos mesmos e como eram feitas as iguarias. Após esses esclarecimentos os discentes foram servidos de diversos alimentos que compõem a culinária junina nordestina.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo abordou como o uso da linguagem cinematográfica e o lúdico no Ensino de História contribuem para a discussão da cultura popular presentes nas festas juninas no Nordeste brasileiro.

O uso da linguagem cinematográfica e o ensino lúdico proporcionaram aos discentes o protagonismo nos debates sobre a cultura popular, uma vez que saíram do papel de espectador para o de pesquisador, buscando as origens de palavras e práticas comuns no Nordeste e conhecendo e praticando rituais da cultura junina. O envolvimento e participação dos alunos na realização do cineclube foram satisfatórios, contudo, uma minoria optou por não colaborar com as atividades propostas. Talvez por timidez, nada que prejudicasse a bem sucedida intervenção, mas que merece uma avaliação sobre a integração total dos discentes.

Sua aplicação proporcionou o conhecimento da história e a valorização das expressões culturais que estão esquecidas atualmente e colocou o aluno no papel de historiador, de pesquisador buscando e construindo uma história cultural das festas juninas.

## REFERÊNCIAS

AQUINO, Edineide Dias de. **Cinema em Foco: Uma Abordagem Cinematográfica/Historiográfica no Ensino de História**. Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. PB.

ASSIS, Cássia Lobão; NEPOMUCENO, Cristiane Maria. **Cultura popular: o ser, o saber e o fazer do povo**. Campina Grande, RN, 2007.

BARROSO, Hayeska Costa. **Uma alternativa de mobilidade social: caracterizando a festa junina para além da espetacularização**. In: Encontro de Ciências Sociais do Norte e Nordeste, 15, 2012. Teresina, PI. Universidade Federal do Piauí – UFPI, 2012.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Tradução: Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro, 2005.

\_\_\_\_\_. **Variiedades de História Cultural**. Tradução de Alda Porto. Rio de Janeiro, RJ. Civilização Brasileira, 2000.

CARDILO, Camila Moura. **O Forró “Pé de Serra” e a Motivação dos Jovens Forrozeiros de Belo Horizonte**. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, PUC Minas. Belo Horizonte, MG, 2012.

CARVALHO, Jaqueline Liedja Araújo Silva. **A importância do lúdico no ensino-aprendizagem na educação de jovens e adultos**. In: Encontro de iniciação à docência, 4, 2014. Universidade Estadual da Paraíba – UEPB.

CASTRO, Janio Roque Barros de. **As manifestações culturais no contexto das festas juninas espetacularizadas da cidade de Cachoeira, no Recôncavo baiano**. EDUFBA, Salvador, BA, 2012.

CHAUI, Marilena. **Cultura e democracia**. In: Crítica y emancipación: Revista latinoamericana de Ciências Sociales. Ano 1, no. 1. Buenos Aires, Argentina, 2008.

COSTA, F. S. da; SILVA, F. I. C. da; RODRIGUES, J. P. **Imagens da Mulher no Forró Contemporâneo: a Identidade Feminina a partir de Sentidos e da Cultura do Forró Eletrônico**. In XV CONGRESSO DE CIÊNCIAS E COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE, 2013, Mossoró, RN.

Folha de SP. **“For all” fala da popularidade dos americanos**. Jornal Folha de São Paulo, São Paulo- SP, 2001.

GOIS, Miguel Ventura Santos. **A Influência dos Estrangeirismos na Língua Portuguesa: Um Processo de Globalização, Ideologia e comunicação**. Universidade Federal de Sergipe, UFS.

HIDALGO, Luciana. **A síndrome do colonizado**. Disponível em: <<http://www.grupoestacao.com.br/arquivo/mat1997/forall.html>> Acesso em: 10 de Novembro de 2015.

LUCENA FILHO, Severino Alves de. **As festas juninas: uma vitrine de culturas simbólicas no contexto do turismo cultural**. [S. l.], 2004.

NÓVOA, JORGE. **Apologia da Relação Cinema-História**. Revista o Olho da História. Nº1, 1995. Salvador, BA.

PAZOS, Roberto. **São João da Bahia: cultura popular, folkmarketing e turismo**. 2009. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC, BA.

PINHO, Fábio Assis; MARINHO, Andrea Carla Melo; NASCIMENTO, Francisco Arrais. **A organização do conhecimento nas letras das músicas de Luiz Gonzaga: uma análise temática do ciclo junino**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação.

RANGEL, Lúcia Helena Vitalli. **Festas juninas, festas de São João: origens, tradições e história**. São Paulo, SP, 2008.

SANTOS, Élia Amaral do Carmo. **O lúdico no processo de ensino-aprendizagem**. Sinop – MT. 2010.

**SESI. Glossário de Cultura. Brasília, DF, 2007.**

SILVA, Gilson Edmar Gonçalves e. **Festas Juninas**. Disponível em: <[https://www.ufpe.br/agencia/index.php?option=com\\_content&view=article&id=40668:festas-juninas&catid=7&Itemid=80](https://www.ufpe.br/agencia/index.php?option=com_content&view=article&id=40668:festas-juninas&catid=7&Itemid=80)> Acesso em: 7 de Novembro de 2015.

TUBINO, Lidiane Dias. **O lúdico na sala de aula: problematizações da prática docente na 4ª série do Ensino Fundamental**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre – RS, 2010.

VIEIRA, José Arthur Paes. Observatório JS: A história do riso. **Jornal do Sertão**, Arcoverde, PE, 16 a 31 out. 2015. Caderno Fique de Olho, p. 02.

VOGUEL, Lilian. **O ciclo junino no cotidiano do povo paulista**. In: SEMINÁRIO SOBRE ALIMENTOS E MANIFESTAÇÕES CULTURAIS TRADICIONAIS, 1, 2012. São Cristóvão. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe – UFSE, 2012.